

# economia

## B3 perde fôlego após flertar com os 200 mil pontos

Cenário do Ibovespa é catalisado pela imprevisibilidade, tanto no cenário externo quanto no interno, apontam especialistas

### / MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

A poucos pontos de um marco histórico, o Ibovespa mudou de direção. Depois de encostar nos 199 mil pontos na primeira quinzena de abril, em meio a um rali que acumulava mais de 23% no ano, o índice passou a perder

força já no dia seguinte, inaugurando um movimento de correção que interrompeu, ao menos temporariamente, a expectativa de rompimento dos simbólicos 200 mil.

Os dados mostram com clareza essa virada: após fechar em 198.657 pontos no dia 14, o índice recuou para 195.733,51 no dia 17 e aprofundou a queda nas sessões seguintes, chegando a patamares

próximos de 180 mil pontos ainda em abril. Já nesta terça-feira, o Ibovespa fechou em alta, aos 186.753,82 pontos. Foi apenas o terceiro ganho nas 13 sessões que sucederam os recordes de 14 de abril,

O movimento não chega a ser fora do padrão após uma sequência forte de alta, mas chama atenção pela rapidez com que o humor do mercado se deteriorou.

A leitura entre analistas é de que não houve um gatilho único capaz de explicar a mudança de rota, mas sim a convergência de fatores que já estavam no radar durante a alta e ganharam peso ao mesmo tempo. Para o coordenador do MBA em Gestão Financeira da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ricardo Teixeira, o ambiente de juros elevados segue como um dos principais elementos de pressão.

“Com juros altos no Brasil e nos Estados Unidos, o investidor tende a buscar mais segurança, o que reduz o apetite por risco e diminui a entrada de capital estrangeiro”, afirma. Esse efeito se soma a um movimento clássico de mercado após períodos de valorização expressiva. “Depois da alta que tivemos, há realização de lucros. Mesmo com gente en-

trando, há também gente saindo, o que dá essa sensação de estagnação ou queda”, acrescenta.

Esse ajuste fica mais evidente quando se observa o comportamento do capital estrangeiro, apontado como um dos principais motores da alta recente. Segundo Alexandre Pletes, head de renda variável da Faz Capital, houve uma reversão nesse fluxo nas últimas semanas, o que impacta diretamente o desempenho do índice. “Esse fluxo foi determinante para a valorização da Bolsa. Quando ele diminui ou se inverte, o impacto é imediato”, explica.

Parte desse movimento, diz, está ligada ao cenário internacional, especialmente ao desempenho das empresas de tecnologia nos Estados Unidos, que voltaram a atrair recursos globais em função de resultados fortes e do avanço de temas como inteligência artificial.

Como o mercado brasileiro tem menor liquidez relativa, saídas mesmo que não tão volumosas acabam gerando efeitos relevantes sobre os preços, ampliando a volatilidade.

Outro vetor importante para entender a mudança de humor é a inflação global, que voltou ao

centro das atenções em meio à alta do petróleo e às tensões geopolíticas. O encarecimento da energia tende a se espalhar pela economia, pressionando preços e reduzindo o espaço para cortes de juros, o que é negativo para ativos de risco.

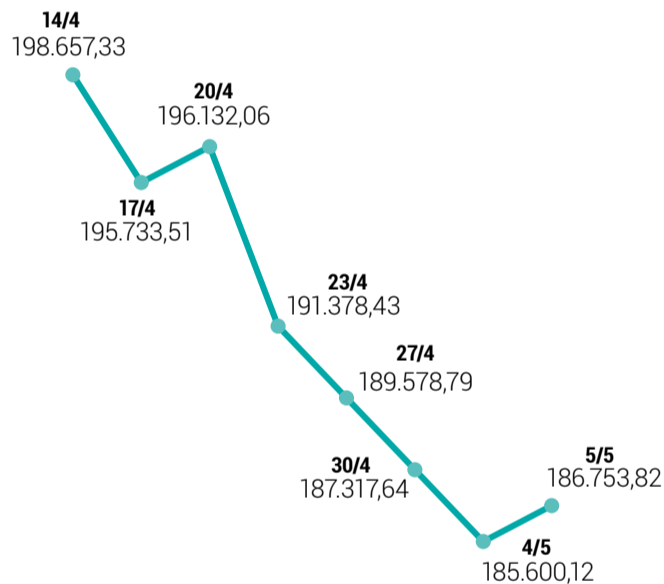
“Com inflação pressionada, os juros tendem a permanecer elevados, o que não é um ambiente favorável para a Bolsa”, explica Pletes. Teixeira reforça que esse cenário já vinha sendo monitorado pelo mercado antes da queda. “No petróleo, por exemplo, há muito mais especulação do que certeza, e isso aumenta a incerteza global”, observa.

No caso brasileiro, essa dinâmica externa se soma a incertezas domésticas, como a dificuldade de cumprimento das metas fiscais e a indefinição sobre a reforma tributária, elementos que elevam a percepção de risco e tornam o investidor mais cauteloso. A proximidade do calendário eleitoral também contribui para esse ambiente.

“Mesmo que no curtíssimo prazo não haja grandes mudanças, o investidor fica mais cauteloso diante da incerteza”, diz Teixeira.

### Índice da B3 apresenta tendência de baixa nos pregões recentes

FONTE: B3



### Fatores ‘psicológicos’ se sobressaem

O contexto geral reforça um elemento que, segundo os especialistas, tem pesado mais do que os fundamentos no curto prazo. “No fim das contas, muitos desses fatores são mais psicológicos do que matemáticos neste momento”, resume o coordenador do MBA em Gestão Financeira da FGV.

A marca dos 200 mil pontos acabou funcionando, nesse cenário, como uma barreira simbólica. Em momentos de maior confiança, níveis assim tendem a ser rompidos com facilidade, mas, diante de um ambiente carregado de dúvidas, passam a ser questionados. “Em um cenário de incerteza, esse patamar funciona como uma resistência. É como se o mercado dissesse: ‘chegamos longe, mas por quê? seguiremos subindo?’”, indaga Teixeira.

Apesar da correção, a avaliação predominante é de que o movimento ainda não configura uma reversão estrutural de tendência, mas sim um ajuste dentro de um ciclo mais amplo. “A queda que vimos até agora é relativamente comum depois de um movimento forte de alta”,

pondera Pletes. O que definirá os próximos passos do índice será, sobretudo, a evolução do cenário externo - especialmente a trajetória da inflação global e das tensões geopolíticas - e a capacidade de o ambiente doméstico oferecer maior previsibilidade, tanto do ponto de vista fiscal quanto político.

No curto prazo, a expectativa é de um mercado mais lateralizado, refletindo a ausência de catalisadores mais claros. “A tendência é de estabilidade na casa dos 185 mil pontos, com oscilações normais de humor do mercado”, diz Teixeira.

Já a possibilidade de alcançar os 200 mil pontos ao longo do ano não está descartada, ainda que tenha se tornado mais distante diante do quadro atual. “Sendo muito otimista, sim - mas é uma possibilidade remota”, conclui o professor da FGV.

Pletes, da Faz Capital, mantém uma leitura semelhante, ainda que com alguma abertura para recuperação. “Se o cenário externo melhorar e trazer mais visibilidade, é possível voltar a uma trajetória de alta e, eventualmente, alcançar esse patamar”, finaliza.

**PLURAL**  
APRESENTA

**OUTRAS DANÇAS PARA Chopin**

DIREÇÃO ARTÍSTICA  
**MAURÍCIO MIRANDA**

08, 09, 10 MAIO 19h

**TEATRO OFICINA**  
**OLGA REVERBEL**  
MULTIPALCO EVA SOPHER

INGRESSOS:  
THEATROSAOPEDRO.ELEVENTICKETS.COM  
OU PELO QR-CODE ABAIXO

FINANCIAMENTO

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO